

NÃO MAIS VIRA-LATAS... UM HOMEM GENIAL! O BRASIL COMO PAÍS DO FUTEBOL

Luiz Henrique de Azevêdo Borges

Iphan

Recebimento/Aprovação:

Artigo recebido em junho de 2007 e aprovado para publicação em fevereiro de 2008.

Resumo:

O futebol é uma atividade e um discurso que há anos individualiza e identifica e traz orgulho aos brasileiros, dando-lhes uma identidade e marcando seu lugar no mundo. Na busca epistemológica da construção representacional do Brasil como país do futebol, as crônicas de três dos maiores cronistas brasileiros de todos os tempos, Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira foram analisadas. Eles ajudaram a caracterizar o futebol brasileiro tendo como predicado fundamental a prática do futebol-arte. Do homem tímido, inibido e humilde, o “vira-latas” de Nelson Rodrigues, o brasileiro se torna o homem genial, repleto de virtudes e qualidades a partir da campanha vitoriosa na Copa do Mundo de 1958. Esses discursos não se circunscrevem ao espaço esportivo, ele adentra outros espaços discursivos e se torna polifônico, dialogando e formando imagens do que é ser brasileiro.

Palavras-chave: História, Futebol, Identidade, Representação e Crônicas.

Abstract:

Soccer is an activity and a discourse that has for years individualized, identified and brought pride to Brazilians, giving them an identity and marking their place in the world. In the epistemological search for the representation of Brazil as the land of soccer, the chronicles written by three of the greatest Brazilian columnists of all times, Nelson Rodrigues, João Saldanha and Armando Nogueira, were analyzed. They helped characterize Brazilian football having as an essential quality the practice of the art-football. From the shy, inhibited and humble man – Nelson Rodrigues’ *mongrel* –, the Brazilian man becomes the brilliant man, full of virtues and qualities as from the triumphant campaign in the 1958 World Cup. Those discourses are not limited by the sportive space, they enter other discursive spaces and become polyphonic, dialoguing and forming images about what it is to be Brazilian.

Key words: History, Soccer, Identity, Representation and Chronicles.

O futebol, esporte das multidões, é um jogo simples, que apresenta um número reduzido de regras, porém essa simplicidade não retira as infinitas possibilidades de expressão que se oferecem durante uma partida e que proporcionam grandes emoções. Ele é capaz de levar milhões de torcedores brasileiros à assistirem as partidas nos estádios ou em frente aos televisores, capaz de parar as atividades cotidianas do país em períodos de Copa do Mundo.

Objeto que suscita paixões e discussões sempre acaloradas, entre conhecidos e desconhecidos, podendo se tornar inclusive um elemento propulsor de novas afetividades. Nem mesmo as distâncias sociais impedem a construção de diálogos tendo esse esporte como mote. Vencendo espaços, que de outra forma seriam de difícil superação, este esporte é capaz de unir, de criar uma linguagem comum do “flanelinha” ao Presidente da República. Assim sendo, o futebol é um elemento marcante da identidade brasileira. Ele é capaz de engendrar sentimentos completamente díspares: alegria – tristeza, amor – ódio, delírio – desprezo, realização – fracasso, entre muitas outras possibilidades.

O futebol, durante muito tempo, foi entendido pelas ciências sociais como um instrumento capaz de distanciar o povo das “verdadeiras preocupações”, dos seus “problemas mais urgentes”. Dessa forma, ele estaria se prestando ao processo de alienação das massas, sendo entendido até mesmo como o “ópio do povo”, expressão usada e combatida por Roberto DaMatta (DaMatta, 1982: 21-23). De fato, a relação entre o futebol e a sociedade está culturalmente demarcada, não é algo evidente e natural, mas sim construída. Há uma relação de interdependência envolvendo o esporte e a sociedade, sendo um parte integrante do outro. Ele é uma das formas pela qual a própria sociedade se expressa.

Dessa forma, o futebol deve ser entendido como uma das possibilidades do brasileiro sair da posição de mero objeto da ordem para se tornar um sujeito social, “de ninguém se tornar alguém”, assim sendo, o indivíduo alcança sua ascensão e afirmação dentro da sociedade transformando-se em um ator ativo no direito de ordenar o mundo. O futebol no Brasil não deve ser considerado apenas como uma evasão da vida real, afinal as práticas lúdicas por ele engendradas ultrapassam esses limites invadindo o tempo “sério” da vida. Ele opera conexões estruturais complexas, que abrangem desde as camadas mais humildes da população brasileira até as mais altas.

Ora, num país onde a massa popular jamais tem voz e quando fala é através dos seus líderes, dentro das hierarquizações do poder, a experiência futebolística parece permitir uma real experiência de “horizontalização do poder”, por meio da reificação esportiva. Assim, o povo vê e fala diretamente com o Brasil, sem precisar dos seus clássicos elementos intermediários, que, sistematicamente, totalizam o mundo social brasileiro para ele e em seu nome. (DaMatta, 1982: 34)

Ou, já dando voz a João Saldanha,

Penso que o futebol em nosso país é um fator básico para as classes populares em sua cultura e auto-afirmação, com características que nenhum outro esporte possui. Mas, como qualquer fenômeno da vida social, é contraditório, e suas contradições estão relacionadas com a nossa sociedade. Afinal, não jogamos futebol na Lua. (Milliet, 2006: 264)

Este esporte cumpre importante papel na formação da consciência de identificação e de diferenciação, na demarcação de um nós e dos outros. Dessa forma, seria impossível ignorar a forte atração que ele exerce sobre grande parte dos brasileiros. O nacionalismo e o sentimento de identidade nacional têm um peso bastante acentuado na contemporaneidade, afinal, acredita-se que é preciso afirmar-se como nação para poder existir e ter um lugar entre as demais potências e o futebol se

apresenta como um dos caminhos possíveis para a construção desse sentimento de pertença.

Torcer por um clube ou pelo selecionado do país significa participar ativamente da vida social e da construção de identidades que extrapolam o âmbito privado, tais como a casa e a família. E, ao excedê-lo, vivencia-se concretamente o pertencimento no espaço público.

Talvez por isso mesmo, tenhamos a impressão bastante disseminada, e fruto de um processo bem sucedido de naturalização, de que o futebol é algo inerente ao brasileiro, quase se confundindo com ele próprio e, podemos até pensar, se não somos os inventores desse esporte tal fato só se deu em virtude de alguma piada do destino.

Apesar de existirem referências da prática do futebol, esporte bretão, nas praias e praças brasileiras desde meados do século XIX, a sua introdução oficial se deu em São Paulo e coube, segundo vários estudiosos, a Charles Miller, que organizou em abril de 1895 a primeira partida de futebol no país. No Rio de Janeiro essa honra coube, dois anos depois, a Oscar Cox.

Tanto Miller quanto Cox eram oriundos de famílias abastadas e que tiveram a oportunidade de estudar na Europa. No Velho Continente começaram a praticar o futebol e quando retornaram ao Brasil trouxeram na bagagem além da bola, um manual de regras do jogo, fato fundamental, afinal foi a partir deles que se introduziu de forma sistemática as regras do jogo e assim começou-se a definir o que conhecemos por futebol.

Inicialmente, a prática futebolística ficou bastante restrita aos membros da elite brasileira, servindo inclusive como elemento de diferenciação ente ela e os outros grupos sociais. Em terras brasileiras, o futebol transformou-se em símbolo de elegância,

sofisticação e capaz de gerar o interesse e a curiosidade nos círculos mais requintados. Porém, esse exclusivismo não se perpetuou e de forma até surpreendentemente rápida esse esporte foi sendo apropriado por todos os setores da sociedade brasileira.

Considerando o manifesto interesse pelo jogo, as camadas menos favorecidas buscaram espaço próprio para realizarem tal atividade, afinal, além das proibições formais, as mensalidades cobradas pelos clubes esportivos restringiam ainda mais o acesso a esses espaços.

Esse alargamento social não se deu sem tensões e conflitos, afinal ele não foi percebido de forma positiva pela fina flor da social que acabou não só por se afastar dos estádios, mas também da própria prática futebolística e, por outro lado, levou à implantação do profissionalismo no futebol brasileiro.

É importante também destacar que a sociedade brasileira passou por uma série de mudanças nas décadas iniciais do século XX, advindas das alterações pelas quais o país passava naquele momento, tais como o crescimento das cidades e da população, o aparecimento de novas indústrias, melhoria nos transportes públicos com o surgimento de novas linhas de bonde, entre outros. Obviamente que as classes sociais também se alteraram, inclusive com o aumento do número dos assalariados. Tais alterações também reverberaram no futebol, pois um número crescente de pessoas eram atraídas pelos campos de futebol, que assim foi se transformando em um poderoso evento de massas.

Nesse caminho o futebol revelou-se não só um fenômeno de ilimitado alcance social, mas também se tornou uma das nossas riquezas como nação, assim como uma de nossas principais caixas de ressonância social. Ele é, no dizer de Armando Nogueira, algo próximo à paixão:

O futebol é assim: desperta na pessoa um sentimento virtuoso que transcende a amizade, que vai além do amor e culmina no santo desvario da paixão. Tem de tudo um pouco, porém, é mais que tudo. Torcer para uma camisa é plena entrega. É mais que ser mãe, porque não desdobra fibra por fibra o coração. Destroça-o de uma vez no desespero de uma derrota. Em compensação, remoça-o no delírio de uma vitória. (Nogueira, 2003: 119)

O Brasil como país do futebol não é um dado natural, mas uma construção discursiva repleta de sentidos e que pode ser balizada temporalmente. Na construção dessa imagem os cronistas esportivos tiveram um papel proeminente, afinal as crônicas estavam presentes nos grandes jornais que circulavam diariamente pelo país. Cabe ressaltar que até o aparecimento e popularização da televisão, o papel de informar e formar a opinião pública coube especialmente aos jornais e às rádios. Por meio desses dois meios de comunicação, os cronistas de futebol emitiam suas opiniões sobre os acontecimentos e iam construindo suas interpretações não só dos jogos em si, mas também, de forma consciente ou inconsciente, de país.

Pode-se afirmar que as crônicas não se circunscrevem apenas à área esportiva, mas seus discursos atingem outros espaços de sociabilidade, e nesse sentido, as reflexões acerca do futebol abarcam não só questões identitárias, mas também são portadoras de projetos para a nação brasileira.

Dentre os vários e fantásticos cronistas existentes no país, do naipe de Carlos Drummond de Andrade, Mário Filho, José Lins do Rego, Paulo Mendes Campos, Juca Kfourri e muitos outros, selecionamos a tríade, Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira que, sem dúvida alguma seriam titulares absolutos em qualquer seleção que representasse a crônica esportiva brasileira.

Para comprovar a importância da referida tríade, basta lembrar-nos que eles eram membros da mesa redonda do primeiro bate-bola televisionado no Brasil, a

“Grande Resenha Facit”, inclusive transformando um horário morto, o final da noite de domingo, em um horário de audiência.

Dessa forma, percebe-se que os cronistas foram importantes construtores da imagem e representação do Brasil como país do futebol. Porém, essa representação precisou sustentar-se em acontecimentos que efetivamente permitissem sua legitimação, dando-lhes foros de “verdade” o que se naturalizou nas vitórias dos clubes brasileiros no exterior e principalmente do selecionado nacional a partir da Copa de 1958, quando sagrou-se campeão do Mundo na Suécia. Essa construção se torna muito clara quando a contrapomos com a derrota brasileira na Copa de 1950.

Nelson Rodrigues, pouco antes da Copa de 58, na Suécia, afirmou que o brasileiro padecia do “complexo de vira-latas”

(...) desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaiois, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. (...) Por ‘complexo de vira-latas’, entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do mundo. Isso em todos os setores e, sobretudo, no futebol. (Rodrigues, 2002: 222)

Após o título obtido na Suécia em 1958, o brasileiro, segundo Nelson Rodrigues, passou a formar uma nova imagem de si mesmo, não mais inferiorizada pelo complexo de vira-latas, mas “como um homem genial, repleto de virtudes e qualidade”.

Cabe ressaltar que a força das representações, a sua validade, está diretamente ligada a sua capacidade de produzir reconhecimento e legitimidade, afinal, se a representação não é uma cópia do real, é uma construção feita a partir dele e que precisa se inserir em regimes de verossimilhança e credibilidade. Isto demonstra, em primeiro

lugar, que os discursos dos cronistas ora selecionados eram pronunciados em uma situação legítima.

Em segundo lugar, Nelson Rodrigues e João Saldanha eram, e Armando Nogueira continua sendo, porta-vozes autorizados, afinal, como tão bem ressaltou Pierre Bourdieu, o locutor precisa ter autoridade para emitir as palavras que enuncia, enquadrando-se no “regime de verdade” que ancora o seu discurso caso contrário, seu discurso estará condenado ao fracasso.

Toda esta construção identitária é perpassada pela maneira com que o brasileiro e os outros jogavam e jogam futebol. Os três cronistas entendem que o Brasil tem uma maneira própria de praticar este esporte, caracterizada como “futebol-arte” em contraposição ao “futebol-força” praticado, sobretudo pelos europeus. A partir deste exemplo conclui-se que identidade é um conceito relacional, isto é, depende da diferença e o futebol produz noções de proximidade e identificação, mas também de afastamento e diferenciação.

O “futebol força” estaria marcado por características defensivas e que seria um reflexo de uma suposta carência de jogadores criativos, enquanto o “futebol-arte” teria como símbolo a ofensividade e a suposta existência de um grande número de jogadores habilidosos, reflexo de um povo também criativo.

Para os cronistas aqui trabalhados, a nossa habilidade e criatividade, representada na prática do “futebol arte”, além de nos diferenciar de outras seleções e equipes, seria a grande responsável pela nossa dita superioridade futebolística. Porém, essa forma de praticar o futebol não era entendida pelos nossos cronistas como um mero exibicionismo individual, mas sim como a utilização do potencial individual de cada um para construir uma obra de criação coletiva.

Nesse sentido, o papel do craque, assim como a sua individualidade, são extremamente valorizados. Para Nelson, Saldanha e Nogueira, o craque seria o grande diferencial numa partida, aquele que, por intermédio de uma jogada inesperada, desmonta o sistema defensivo adversário e leva a sua equipe à vitória.

O que tonteou nossos adversários foi que o negócio poderia vir de qualquer lado. E vinha. Por Garrincha, por Jair, por Rivelino, por Tostão, Pelé, Vavá e até mesmo pelo Zagalo, que fazia seus golzinhos naquelas sobras. Mas Zagalo e Coutinho não estavam confiantes em seus times (...). Não arriscar pode ser até válido. O veado não morre nem a onça passa fome. Entretanto estou convencido de que temos gente e time para arriscar. É a única maneira de se ganhar uma Copa: um time pra cabeça. (Saldanha, 2002: 40)

O futebol brasileiro sempre viveu de “estrelas solitárias”. Os outros são indispensáveis como coadjuvantes preciosíssimos. Mas quem decide a sorte das batalhas é o craque. Em 58, foi assim com Garrincha, com Pelé, com Didi, etc, etc. Em 62, foi assim com Mane. (Rodrigues, 1999: 131-132)

Independente do cronista e do período em que eles escreveram suas crônicas, os três tornaram-se verdadeiros defensores de uma prática futebolística conhecida como “futebol-arte” e sempre se deram ao saboroso direito de se tornarem ufanistas nas vitórias do selecionado nacional.

Em suma, o jogo, mais do que uma disputa desportiva, também revela o “confronto” de culturas e de identidades. Demarca diferenças em relação ao outro e nos individualiza e personaliza. Nesse sentido, o ponto alto das disputas futebolísticas se dá durante a Copa do Mundo, momento em que não só se exala nacionalismo como também é capaz de estabelecer, mesmo que temporariamente, uma hierarquia não só entre as seleções, mas também das próprias identidades nacionais. Para alguns países sul-americanos, especialmente o Brasil, a Argentina e o Uruguai, o futebol fornece até mesmo um meio de afirmação e de superação em relação aos europeus.

Felizmente, o que sempre acaba salvando a pátria é o jeitinho brasileiro, essa irresistível parábola da alma do nosso povo. A saga brasileira nos mundiais não fala de outra coisa a não ser do sopro divino que transforma em obra de arte o gesto singelo de chutar uma bola. (Nogueira, 2003: 191)

Durante os jogos do Brasil no Mundial, o país suspende suas atividades cotidianas, é como se a própria soberania nacional estivesse em jogo e os escritos de Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira atestam tal afirmação. Neles é possível perceber que a própria honra dos brasileiros está sendo posta à prova e essa identificação e compromisso com a vitória é tanto maior quanto a crença na obtenção da mesma. Na leitura dos nossos torcedores foi exatamente essa identificação e compromisso com a vitória que faltaram a Seleção Brasileira na Copa de 2006, na Alemanha, frustrando milhões de brasileiros.

Nas crônicas é possível perceber uma íntima associação entre o homem brasileiro e a seleção nacional, por isso, a vitória de um seria também o triunfo do outro. Em suma, a seleção seria um elemento de resgate da nossa auto-estima e ao lançar mão de uma série de símbolos nacionais, tais como o hino e a bandeira, representaria a pátria, sendo capaz, por isso mesmo, de acentuar o sentimento de união nacional.

Meus Deus, não sejamos cegos. O escrete tem outras dimensões vitais decisivas. Por exemplo: – o gol contra a Inglaterra. Um lance perfeito, irretocável. Tostão driblou três ingleses. E naquele instante Tostão driblava por nós, Pelé enganava por nós, Jairzinho marcava por nós. Portanto, e aqui vai o óbvio: – o escrete realiza o brasileiro e o compensa de velhas humilhações jamais cicatrizadas.

Não posso olhar sem uma compassiva ironia os que negam qualquer relação entre o escrete e a pátria (...).

Pois o escrete não é outra coisa senão a pátria. Se não é a pátria, que fazem as bandeiras, sim, as bandeiras, que pendem das janelas? (...) E o hino? Por que tocam o hino diante do escrete perfilado? E ainda mais: – por que o escrete está vestido de verde e amarelo (Rodrigues, 1999: 151-152)

Sendo assim, os cronistas consideravam de importância ímpar as vitórias internacionais do nosso selecionado. Além de restaurarem a auto-estima do brasileiro, ajudavam a divulgar uma “imagem da nação e do homem brasileiro no exterior, com a definição de uma identidade nacional em termos mundiais e em oposição a outras identidades nacionais, com a definição de um espaço digno para o Brasil entre as grandes nações”. (Antunes, 2004: 222)

Os cronistas aqui destacados sempre buscaram questionar e derrubar a propalada inferioridade do homem brasileiro em virtude do seu caráter miscigenado, expressa na sua inibição natural, na falta de confiança, no excesso de humildade, de fé em si mesmo e de responsabilidade, que acabam por se expressar em derrotas nos momentos decisivos.

A partir da vitória obtida na Copa de 1958 na Suécia, quando o Brasil alçou o seu primeiro título mundial no futebol, o brasileiro começou a sentir-se orgulhoso do que era e um dos heróis da conquista brasileira era exatamente um mestiço de pernas tortas, Garrincha.

Neste discurso de individualização, de identificação e valorização do brasileiro, ele é representado como algo novo, distinto de tudo e de todos, inclusive dos vizinhos sul-americanos, para não falar dos europeus.

A verdade é que os europeus estavam esperando grandes coisas da seleção alemã, que é a melhor da Europa. Mas aqui por estas bandas ela estará sempre em condições de levar uma cipoada. (...) Vendo o campo inteiro, seria fácil verificar que dez alemães estavam atrás e que seu time não tinha chance alguma de ganhar. Apenas de empatar. E fizeram um esforço desesperado para isto. (Saldanha, 2002: 49-51).

Para nos vencer, o alemão ou o suíço teria de passar várias encarnações aqui. Teria que nascer em vila Isabel, ou Vaz Lobo. (...) O nosso escrete era vidência, iluminação, irresponsabilidade criadora. Foi o mistério dos nossos

botecos, e a graça de nossas esquinas, e o soluço de nossas cachaças, e a euforia dos nossos cafajestes. (Rodrigues, 1999: 80-81)

A Europa podia imitar o nosso jogo e nunca a nossa qualidade humana (...) o brasileiro não se parece com ninguém, nem com os sul-americanos. Repito: o brasileiro é uma nova experiência humana. O homem do Brasil entra na história com um elemento inédito, revolucionário e criador: a molecagem. Nelson Rodrigues. (Rodrigues, 1999: 80-81)

Desta forma, as crônicas de Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira ajudaram e ajudam na construção de uma identidade para o brasileiro por meio do futebol, afinal os seus escritos ainda representam inquietações e questionamentos atuais da sociedade brasileira, tais como: miscigenação, subdesenvolvimentismo, capacidade de improvisação e de criação do povo brasileiro...

No campo e na vida, na ginga e no jogo, no peito e na raça se fundem brasilidade e futebol. Torcer é pertencimento, é identidade. Entre atitudes corporais, discursivas e sociais, se afirma um sujeito nacional, se inventa o brasileiro. O Brasil se colore de verde e amarelo da aquarela deste esporte das multidões. Somos brasileiros na confiança e na desconfiança, no otimismo e no pessimismo, do complexo de vira-latas ao homem genial estamos impregnados pela linguagem do mundo da bola. Especular sobre o futebol é especular sobre ser brasileiro. Nós queremos ser pelo futebol. E o futebol é por nós. Aqui, não tememos certa dose de determinismo, o país se transforma, mas o apego e mobilização de sentimento e atitudes em relação a ele permanecem. Vida longa ao futebol! Enquanto existir uma partida existirá um brasileiro, com sua mágica, sua ginga, sua “irresponsabilidade criadora” e, com um pouco de garra, nos oferecendo vitórias, valorização e orgulho. Suor e pulsação, romance e surpresa... É eterno.

Corpus Documental:

MILLIET, Raul (org.). (2006). *Vida que segue: João Saldanha e as copas de 1966 e 1970*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

NOGUEIRA, Armando. (2003). *A ginga e o jogo: todas as emoções das melhores crônicas de Armando Nogueira*. Rio de Janeiro: Objetiva.

_____. (1973). *Bola na rede*. Rio de Janeiro: José Olympio.

_____. (1962). *Drama e glória dos bicampeões*. Rio de Janeiro: Editôra do Autor.

RODRIGUES, Nelson. (2002). *Á sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Cia das Letras.

_____. (1999). *A pátria de chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Cia das Letras.

_____. (2002). *O profeta tricolor: cem anos de Fluminense*. São Paulo: Companhia das Letras.

SALDANHA, João. (2001). *Histórias do futebol*. Rio de Janeiro: Revan.

_____. (2002). *O trauma da bola: a copa de 82 por João Saldanha*. São Paulo: Cosac & Naify.

Referências bibliográficas:

AGOSTINO, Gilberto. (2002). *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad.

ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. (2004). *Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues*. São Paulo: UNESP.

AQUINO, Rubim Santos Leão de. (2002). *Futebol: uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BOURDIEU, Pierre. (1998). *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Edusp.

CASTRO, Rui. (1992). *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras.

CHARTIER, Roger. (1990). *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel.

DaMATTA, Roberto (org.). (1982). *Universo do futebol: esportes e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke.

DAMO, Arlei Sander. (2002). *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS.

- GIULIANOTTI, Richard. (2002). *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria.
- HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio José; LOVISOLO, Hugo. (2001). *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad.
- HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence. (1997). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. (2004). *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.
- JODELET, Denise (org.). (2001). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- LEVER, Janet. *A loucura do futebol*. (1983). Rio de Janeiro: Record.
- MANHÃES, Eduardo. (2004). *João sem medo: futebol-arte e identidade*. Campinas: Pontes Livros.
- MARON FILHO, Oscar & FERREIRA, Renato (orgs.). (1987). *Fla-Flu... e as multidões despertaram!* Rio de Janeiro: Edição Europa.
- MARQUES, José Carlos. (2003). *O Futebol em Nelson Rodrigues*. São Paulo: Educ / Fapesp.
- MATTOSO, José. (1997). *A escrita da história: teoria e métodos*. Lisboa: Editorial Estampa.
- MÁXIMO, João. (1996). *João Saldanha: sobre nuvens de fantasia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Prefeitura.
- ORLANDI, Eni P. (2001). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (2000). *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro: 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. (2003). *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica.
- RODRIGUES FILHO, Mário. (2003). *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad.
- SANDER, Roberto. (2004). *Anos 40: viagem à década sem Copa*. Rio de Janeiro: Bom Texto.

SANTOS NETO, José Moraes dos. (2002). *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). (2000). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis/RJ: Vozes.

TOLEDO, Luiz Henrique de. (2002). *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec: Fapesp.

_____. (2000). *No país do futebol*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

UNZELTE, Celso. (2002). *O livro de ouro do futebol*. São Paulo: Ediouro.

Informações sobre o autor:

Luiz Henrique de Azevêdo Borges – Graduado em Economia e História pela Universidade de Brasília (UnB). Especialista em História da América pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) e Mestre em História Cultural pela Universidade de Brasília (UnB), com o tema “Do complexo de vira-latas ao homem genial: o futebol como elemento constitutivo da identidade brasileira nas crônicas de Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira”. Professor da Universidade Estadual de Goiás e Faculdade Cambury, ambas situadas em Formosa (GO) e historiador do Iphan.

lhab@iphan.gov.br

lha@terra.com.br

Endereço: SHIS QI 15 Conjunto 02 Casa 13 – Lago Sul – Brasília – DF – CEP: 71635-220.